



PEDROX LUIS

CASA DE DETENÇÃO

O DIA EM QUE
CASA
CAIU

PRODUÇÃO INDEPENDENTE

PEDROX LUIS

**O DIA EM QUE A
CASA CAIU**

INTRODUÇÃO

Lembro bem daquele dia.

Os meios de comunicação pararam de transmitir suas programações para cobrir o acontecimento.

Na época não tínhamos televisão em casa, aliás, nem energia elétrica. O rádio foi o relator dos fatos e eu passei com minha mãe todo o dia ouvindo o noticiário de que uma suposta rebelião no Pavilhão Nove da Casa de Detenção de São Paulo provocou a invasão do Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado e a morte de 111 presos.

Aquele endereço me dava pavor.

Quando viemos em definitivo para a terra da garoa passamos de carro em frente ao presídio e confesso que me deu uma sensação horrível.

Mais tarde, quando trabalha de office-boy em um escritório no Brás, passava várias vezes ali de metrô sentido Santana e aquela sensação de que ali não era um local confortável me incomodava ainda.

Com o massacre comecei a pesquisar sobre o assunto e até acabei me encontrando para conversar com alguns sobreviventes daquele fatídico dia e as histórias por eles relatadas seriam coisas de filme se não fossem acontecimentos reais. Fugas, motins, agressões, estupros, drogas, violência tanta de presos quanto de policiais, abandono entre outras atrocidades. Porém chamou muita atenção um lado que poucos conhecem das cadeias que é a solidariedade entre alguns deles. Presos que cumpriam pena e acabavam auxiliando a família de outro que ficava em cárcere eram uns dos exemplos contados.

Um dia, ou melhor, 10 anos depois, foi relatado de que o presídio seria implodido e se tornaria um parque. Com isso, o prédio que já tinha sido cenário do filme do mesmo nome do bairro da zona norte, seria aberto para visitaçãõ do público.

Minha chance de vencer o medo. Só que não.

Já na plataforma do metrô me deu uma tremedeira nas pernas que só aumentou quando na portaria da cadeia me pediram o documento para registro.

Só faltou a revista.

O cheiro de mofo, a melancolia e a sensação de que haviam pessoas te encarando pelas frestas da janela me fizeram antecipar a saída da visitação com uma pergunta de que como uma pessoa poderia viver ali durante dias, meses e anos.

Um cidadão que estava no meu grupo foi forçado a sair por questionar isso várias vezes em alto e bom som. Uma escolta policial o seguiu até a saída da Casa.

Essa não é uma história real.

Quem sabe?

O DIA EM QUE A CASA CAIU

Eu fiz questão de estar aqui.

Eu precisava presenciar com os próprios olhos.

De repente um som agudo anuncia que chegou a hora. O helicóptero da reportagem faz o seu papel, tal e qual, um urubu que rodeia a carniça como naquele dia fatídico.

Uma explosão.

Um estrondo que fez tremer toda a região como um terremoto.

Barulhos de pássaros assustados fazendo uma sinfonia incomoda com os cães que latem perdidamente enquanto uma plateia seleta aplaudem no terraço de seus prédios como se estivessem em um teatro, e no caso, de horrores.

Um pó acinzentado se mistura com o cinza da cidade em uma nuvem em formato de cogumelo parecida aos da Segunda Guerra.

O cerco dos agentes de trânsito, polícia militar e guarda metropolitana mostra a certeza de que a região é zona de risco.

Aliás, sempre foi.

Na Marginal Tietê é possível ver o congestionamento nosso de todo dia com os curiosos parando para registrar esse momento com os seus novos brinquedos graças a evolução tecnológica. Telefone portátil com câmera de vídeo. Não falta mais nada e daqui uns anos só falta surgir um telefone com computador de bolso.

É possível ver os ratos correndo desesperados pelos bueiros delatando as rotas de fuga do presídio para qualquer ponto desse lado da zona norte de São Paulo. Avenida Cruzeiro do Sul. Estação Carandiru.

Meus primeiros dias nesse endereço foram como um pé quarenta dentro de um sapato trinta e oito. Duro de acostumar. Sofrível.

Lembro até hoje de entrar no bonde seguindo para o presídio. Me senti um morto dentro do rabeção do Instituto Médico Legal. O caminho foi árduo, pois o motorista, por sinal muito carrasco, decidiu pegar um daqueles atalhos mais longos, que só ele conhece, com muitos buracos que fazia bater o arrependimento de tudo errado que tinha feito. Imagina o que poderia ser pior do que aquela viagem sem ar, sem água, sem luz e com o conforto que muito animal não tem.

O martelo do juiz batendo era constante e martelava o pensamento gerando uma dor de cabeça horrível.

Nessas horas acho que todos pensam na mãe. Quando nos aproximamos do local, e apenas ali, o motorista desacelerou com uma freada brusca desligando aquela maldita sirene que lembrava uma vizinha cantando Roberto Carlos aos domingos pela manhã.

Alguns segundos depois seguimos novamente e o som de um ferrolho trancando um portão fez com que os ruídos de carros ficassem menos audíveis. Outro portão, mais outro e paramos definitivamente. Logo em seguida a porta do veículo se abriu a sensação era como a luz é acessa quando estamos dormindo e aos berros de vai saindo éramos direcionados, sempre cabisbaixos, para uma espécie de sala. Essa função era dada por um cidadão de voz rouca, um negro enorme com uns óculos escuros e um bigode que parecia uma asa de pássaro dava as boas-vindas da casa de forma imperativa. Parecia um leão marinho. Fomos em fila indiana, um a um, em direção ao recinto orientado pelo cidadão. Meus braços latejavam devido as acomodações e o aperto das algemas.

Quando tentávamos ou ousávamos erguer a cabeça éramos repreendidos com gritos e ordens para abaixar a cabeça ladrão. Mas era possível ver um grande trânsito de pessoas com cara de poucos amigos. Era perceptível de que ali o dia sempre era nublado. Também se percebia que entre muitos ali alguns não sairiam dali no final do expediente, pelo menos não do prédio, a calça bege revelava a identidade de cada um.

De repente me peguei imaginando como eu estaria há 15 anos contando daquele momento. Cadeia destrói uma pessoa tanto fisicamente quanto psicologicamente. Eu estava ali há menos de uma hora e já estava pensando mil e uma coisas.

Não sei se existe lugar bom na prisão, mas ali no Pavilhão 2, havia o rótulo de ser o melhor lugar dentro da Casa de Detenção.

De cada um foram recolhidos a roupa, pertences e nome. A partir daquele momento, para o Estado, éramos apenas um número.

Antes de seguirmos o próximo passo fomos questionados se havia alguma bronca na rua com alguém que pudera estar preso em algum dos pavilhões. Não lembro de ninguém ter feito essa revelação. Seguimos para a cela e fomos acomodados, apenas por figura de linguagem, em um local que cabia oito pessoas, tinha 22 e estava chegando mais 6 contando com minha pessoa.

Quando entramos seguimos as normas da casa, ou seja, o código dos presos.

É simples, antes de entrar tira o calçado e deixa na porta, cabeça baixa, mãos para trás, pede licença e senta ao lado do boi que é a latrina normalmente aquele estilo medieval que é um buraco com o apoio para os pés. É feita uma gambiarra com sacos de areia para tampar o buraco e evitar o mal cheiro ou invasão de ratos pelo ambiente.

Alguns meses depois escutei histórias da triagem como as de que pessoas passavam mal por asfixia devido a superlotação, desavenças entre rivais que tinham broncas pendentes das ruas, enfim, coisas que só quem conviveu pode dizer se é verdade ou não.

Quando saí do bonde percebi de que cadeia é cadeia e só muda de endereço.

Passados dois dias fui mandado para o Pavilhão Nove e no caminho fui percebendo que meu pesadelo só estava começando. Eram quase 10 horas de uma quarta-feira quente de fevereiro de 1992 e adentramos, eu e mais sete homens, a radial sentido ao famigerado fundão do presídio. No meu tempo de colégio o fundo da sala era onde se concentrava apenas os mais problemáticos dos alunos, pelo menos se acreditava nisso. Já adolescente, trabalhando de office-boy, o local onde poucos queriam sentar era na parte de trás dos ônibus.

Nos trens os vagões normalmente eram todos se apertavam para evitar de viajar no último vagão e no Carandiru não era diferente. A fama de abrigar em sua maioria os mais perigosos detentos faziam com que as pessoas olhassem com mais cuidado para os últimos prédios do complexo.

Dessa vez a cabeça estalou como se a ficha estivesse caindo.

O caminho era cercado de concreto e cortava de ambos os lados muros enormes que no alto havia um policial militar que soltava um “está me encarando porque seu merda?” Toda vez que um de nós levantava os olhos para alto. O sol projetava suas sombras no chão que lembravam muito anjos da morte. Essa imagem seria muito constante. Adentrando ao prédio o que saiu foi meu coração pela boca.

Pensei em correr, mas não seria uma boa ideia.

Veio uma vontade enorme de chorar, mas era muito tarde para isso.

Estava em um castelo mal-assombrado onde as paredes esburacadas, a pouca iluminação, o cheiro fortíssimo de mofo misturado ao desinfetante de pinho com creolina não disfarçava o rio de sangue que constantemente corria por ali.

Os barracos sempre lotados. Como sempre. Onde era para ter 4 tinham 12, 15 e até 20 pessoas amontoadas. Os moradores mais velhos se intitulavam uma espécie de síndico e cobravam pela ótima estadia, ou seja, a regra era pagar para morar dentro da cadeia. Castelos se formaram enquanto eu tentava achar um lugar para passar os próximos 15 anos. Lembrei de que tinha uma casa com um quarto bem confortável, cama e uma televisão onde acordava a hora que eu queria pegava meu café e passava a manhã toda assistindo desenhos. Agora estava ali mendigando um espaço para dormir nem que fosse no chão gelado.

De repente fui abordado por um cidadão com um corte enorme no rosto dizendo que me esperavam em um certo xadrez. Olhei para todos que me rodeavam e ninguém ousou questionar.

Assim fui guiado pelo Scarface do Carandiru. Andamos por todo corredor mal iluminado onde os fios desencapados lutavam contra a lei da física sendo molhados por infiltrações de água nas paredes que mais pareciam cachoeiras em alguns momentos. Um gato cruzou nosso caminho levando na boca um rato que se não fosse do seu tamanho era muito maior. No final dobramos à esquerda e minhas pernas tremeram tamanha foi a surpresa. Bem na minha frente estava um tio meu qual não via há mais ou menos uns 10 anos.

João Sem Braço era o irmão mais velho do meu pai. Na família tinha a má reputação e era chamado de ovelha negra, estorvo, desviado entre outros adjetivos. O apelido foi garantido por ter o antebraço esquerdo amputado devido um golpe de facão em uma briga na terra natal no estado da Paraíba. Ironizava a situação mostrando o membro que faltava e pedindo que imaginassem como havia ficado seu oponente. Não lembrava nada meu pai, em nada mesmo, mas era o parente que eu tinha mais afeto, porem a rígida doutrina da cadeia não nos deixou que déssemos um abraço afetuoso.

Durante uma longa conversa, depois de um grande sermão repreensivo, fui elogiado por não ter dado mancadas na minha curta vida criminosa. O crime não perdoa os que erram, por isso muitos já entram pedindo seguro e vão direto para o pavilhão 5. É onde a escória da escória é alocada, jogada ou cuspidada. Fui informado que se eu não peço seguro só me restava duas alternativas, ou virar crente ou

ou arrumar uma faca.

Ser crente na cadeia era firmar um contrato com a lealdade. Era mais fácil ser perdoado comprando alguma coisa e não pagando do que dizer que tinha se convertido e fosse apanhado se masturbando por exemplo. A pena era dura com castigos duríssimos. É um crime se esconder atrás da bíblia.

Não pestanejei e decidi arrumar uma faca.

A fabricação desse artefato era um fator de prorrogar sua sobrevivência ali. Era necessário sempre ter um bem próxima como um amigo leal ainda mais em um território que era preciso dormir com um olho fechado e outro bem aberto. Histórias de que o instrumento fazia parte de cada um dos que cumpriam pena se multiplicavam, mas a que mais me chamou a atenção foi o conto de que um homem chamado Hulk que fora apelidado por tal semelhança com o monstro verde dos quadrinhos e seriado da TV. Um dia, em um desentendimento com outros quatro presos que acharam no direito

de interromper o sono do gigante para cobrar uma dívida. Dizem que o homem já levantou da cama golpeando um dos cobradores e outros 3 pularam ao mesmo tempo cravando as facas diversas vezes no feroz homem que fazia jus ao apelido. A narrativa acaba sempre quando o cidadão, já sem forças, cai como uma árvore velha com a faca encravada nos testículos e depois de matar os 4 oponentes sendo que de um ele arrancou a cabeça.

Contos da rua 10.

Se fosse para escrever sobre tudo o que ocorre ali não teria papel no mundo. Alertava sempre Alemão, um rapaz de que ninguém sabia seu passado, aliás, a única coisa que sabiam é que ele havia matado dezena de policiais e era tido como uma lenda dentro da Casa. Bem raquítico, sabe-se lá se devido a desnutrição ou as diversas doenças que pegou nos 25 anos de reclusão sem sair. Dizia que bom comportamento é coisa para criança de convento.

O olho sempre expressando ódio contava os diversos acertos naquele setor que iam desde um arroteo na hora do almoço ou um desrespeito na hora da visita. Com um sorriso maldoso no canto da boca afirmava que muitas vezes matavam qualquer um só por não terem há quem matar.

Mas um dos mais fatores de se ter um acerto de contas era uma brecha dada em um dia de visitas.

O dia em que o presídio recebe os parentes e amigos dos detentos é sagrado. É como uma festa de fim de ano. Todo o prédio é lavado, desinfetado, os presos tomam um cuidado especial com a aparência, fazem a barba, cortam o cabelo, arrumam as celas. Nas paredes ou qualquer lugar não pode se ter sinais de pornografia, qualquer imagem relacionada é tirada e escondida em sinal de respeito.

No primeiro dia de visitas acordei aflito, aliás, quase não dormi. A sensação que minha mãe não viria era grande.

A saudade enorme não cabia no peito.

Houve dias em que eu passei fora de casa sem me importar de vê-la e agora sinto a falta de um minuto de atenção que faz uma diferença enorme.

Os primeiros parentes começam a entrar.

Os minutos passam.

A agonia aumenta.

Uma imagem chamou minha atenção. O sistema de segurança as vezes é cruel. Não sei se por maldade ou eficiência. Uma senhora de uns 70 anos com o cabelo branquinho que parecia uma porção de algodão, os passos lentos e o rosto marcado por um cansaço por ter corrido uma vida inteira atrás de algo que nunca alcançaria abraçou o filho e lhe entregou um saco transparente com um bolo todo esfarelado pelo pessoal da revista que em busca de entorpecentes procederam dessa maneira. O pacote foi recebido com um sorriso gratificante pelo detento que é coisa rara dentro de cadeia.

O coração acelerou.

Andei em passos rápidos, mas querendo diminuir as passadas assim que avistei um vestido azul-celeste conhecido. As sandálias de dedos eram praticamente de uso obrigatório para as visitas, com seu coque no cabelo já grisalho trazia em uma das mãos a sacola com o jumbo.

A cena já era dolorida de ver, a imaginação de pensar da humilhação que ela passou para entrar doía também, mas o sermão que ela deu foi o mais dolorido de todos.

A figura materna é sinônimo de respeito. Ladrão que é pego faltando com respeito com a mãe sofre as consequências e dependendo da situação é levado para morte. Quanto vagabundo tomou sermão na frente de todos, quieto, sem sequer erguer os ombros ou alterar a voz como muitos fazem no mundo.

Após o sermão e os abraços vieram as perguntas. Eu perguntava das pessoas da vila e ela perguntava se eu estava comendo bem.

Eu perguntava da sua pressão e ela indagava das companhias da cela e o que eu fazia durante todo o dia.

Foram algumas horas, mas me trouxe um grande alívio.

Li uma vez de que a solidão e a falta de visitas são a maior das penas para ser cumprida.

Ela se foi deixando as recomendações e uma incerteza de que se voltaria na outra semana.

Esse dilema de não ter visita era uma das causas mais depressivas entre os presos.

Muitos ali que cumpriam pena há décadas e há décadas não recebia sequer uma carta, uma notícia ou um aviso dos entes queridos. Muitos morriam e praticamente tinham enterros de indigentes, na verdade atrás dos grandes muros existem para a sociedade pessoas invisíveis, inaudíveis, porém, nunca é inodoro. O cheiro de uma população carcerária incomoda e infecta, segundo os incomodados da grande metrópole que só cresce, poluindo o visual.

Assim era o Zangado.

Um branquelo alto com o corpo mal definido e com diversas perfurações tanto de faca como de balas. Tinha tantos anos de cadeia que diziam que se um dia regassem nasceria um pé de dele no pátio interno. Ninguém sabia sua idade, mas os cabelos brancos mostravam que a sua juventude fora perdida totalmente entre transferências, bondes, rebeliões, solitárias e acertos. Deveria ter parentes. Todos têm, mas ninguém nunca o visitou e dizem que era por um pedido dele mesmo. Tinha todo relato do cotidiano dos últimos 25 anos, era como um jornalista que documentava tudo e ironizava a questão de reclamarem da falta de estrutura, pois dizia ele, ter pego cadeias piores estruturadas. Sua falta de contato com o mundo externo era tão grande que chegava ao ponto de ficar incrédulo com a história da existência de um trem que transportava as pessoas pela cidade onde as plataformas eram embaixo da terra. O olhar assustado era nítido quando

comentavam sobre o metrô. Sempre em situações especiais como dia dos pais, dia das mães ou natal ele era convidado para sentar com a família de algum detento e participar da ceia, mas na grande maioria do tempo a solidão era sua maior aliada. Sonhava no dia em que sairia dali. Era frequente esse desejo e acho de todos. Afirmava sempre que não tinha nascido ali então sairia dali um dia, nem que fosse morto, mas sairia.

Parece que as pessoas premeditam as coisas. O primeiro dia de outubro de 1992 começou como qualquer outro dentro da Casa de Detenção.

O mesmo sentimento de que poderia acontecer algo ruim não interferia em nada na vida rotineira. Uns se animavam com uma comemorada premiação por bom comportamento e com isso ganharam o direito de passarem o feriado da padroeira e dia das crianças com a família. As atividades para quem ficaria seriam as mesmas que dos

fins de semana. Limparíamos tudo para esperarmos nossos parentes e amigos.

Há algumas semanas fomos alertados que no sábado haveria eleições para prefeito e isso poderia dar uma baixa significativa nos presentes visitantes.

Alemão, por várias vezes, disse que a cadeia estava estranha.

Muitos o acalmavam, ou tentavam, dizendo que poderia ser o tempo nublado com sinais de chuva. A previsão fornecida pelo telejornal era de chuva, mas nada tirava da cabeça do veterano de cela que algo estava muito estranho.

O dia passava mais lento do que costume.

Realmente estava estranho.

No campo de futebol a rotina era a mesma.

Ninguém desconfiou de que havia um debate no interior do pavilhão.

Quando a multidão entrou vindo da atividade esportiva deram de encontro com dois grupos se enfrentando. Briga em cadeia é a deixa para que outras brigas se formem. É o momento de

se matar alguém e colocar a culpa na primeira contenda.

Porem tudo tomou uma proporção diferente. O estopim acendeu a bomba que logo explodiu. O funcionário da gaiola foi jogado para fora à pontapés e o prédio foi trancado pelos próprios presos em sinal de dominação de território. Uma barricada com colchoes, madeiras e o que pudesse pegar fogo e fazer volume foi colocada diante do portão. Uma gritaria frenética e enlouquecida começou por todo o ambiente mal iluminado.

A ação gera uma reação, ainda mais quando voltada para a violência.

Nesse instante tinha gente que nem sabia do porque estava quebrando, queimando ou gritando palavras de ordem. A maioria usava camisas em forma de touca ninja e muitos empunhavam facas que mais pareciam espadas medievais.

Em poucos minutos um helicóptero da reportagem sobrevoava a área. Coisa de urubu que fareja carniça. E ao vivo mostrava uma

Avenida Cruzeiro do Sul repleta de polícia e curiosos como se todos estivessem ali, 24 horas por dia, esperando coisas assim acontecerem. A tática de segurança para uma provável invasão da PM já estava traçada. Os que deviam algo ou tinha algum atrito seriam os recepcionistas da cadeia ficando na linha de fogo na porta do pavilhão.

Uma fumaça intensa era vista ao longe e mostrada ao vivo pela TV que durante a transmissão tirava suas conclusões dizendo e fazendo com que todos acreditassem no que o repórter dizia.

Mas na verdade a lente da televisão era o nosso olho para ver o acontecia no lado externo.

Depois de algumas horas era possível ver que alguns parentes estavam no portão principal atrás de notícias.

Não demorou muito e foi visível a formação do Batalhão de Choque diante do portão.

No pavilhão 8 faixas feitas com lençóis eram

estendidas nas janelas com recados para os parentes informando que ali eles estavam bem e fora da confusão.

O Choque se preparou para entrar.

Uma confusão mais que frenética ocorreu por todo o prédio. Muitos que não estavam na confusão iniciaram o procedimento rotineiro de ocupação militar.

Todos nas celas.

E assim o Batalhão da Morte entrou.

Desse momento para frente todos sabem o que aconteceu naquele dia 2 de outubro de 1992.

O engraçado que por culpa ou sabe-se lá o que o governo e a PM não se pronunciaram, só os presos.

O cálculo foi 111...

Depois de horas de tiros e gente caindo um rio de sangue empoçado tomou conta do pavilhão 9. A luz cortada e a ordem para quem estivesse vivo saísse. Às vezes era um risco para correr, pois dentro do prédio era mais favorável para

eles matarem mais alguém.

Em meio uma dúvida de viver, de saber se ia morrer, um prédio escuro sem iluminação, uma montanha de corpo espalhado e uma lagoa de sangue Alemão decidiu que se enfiando entre os mortos e fingindo que estava sem vida seria a melhor solução no momento.

Passaram-se horas.

Entre um instante e outro vinha um cachorro enlouquecido pelo sangue e mordida um corpo como se estivesse brincando com uma bola. Em outro segundo um PM enlouquecido pela profissão chutava o rosto de um detento morto só para certificar de que ele realmente estava morto. E como em uma sacaria da Zona Cerealista, presos aos pares, totalmente nus e sem qualquer proteção começaram a carregar os corpos para o pátio externo do pavilhão. Eu fui escolhido para o serviço com outro cidadão raquítico e desdentado.

Em uma última avaliação de que realmente

realmente não havia vida nos corpos um dos policiais ficava na porta de entrada espetando com um garfo a sola dos pés de quem passava carregado e quem desse sinal de que respirasse não teria a segunda chance.

Um dos corpos sendo erguido como um saco de estrume era de Alemão. Ele que sempre disse que sairia dali, nem que fosse morto. Naquela circunstância acho que não fazia diferença.

Descemos 3 lances de escada até chegar ao ponto da remota análise e se ele quisesse continuar vivo era preciso aguentar qualquer tipo de tortura.

E seria prudente pra todos porque a revelação da fuga seria castigo para o trio.

A ponta extremamente aguda entrou na sola do pé, mas ele segurou com estrema habilidade. A vontade de gritar era enorme, porem querer estar vivo era algo mais importante para aquela pessoa.

Depois dessa triagem macabra os corpos eram jogados em ambulâncias, que superlotadas e

apenas com motorista seguiam para hospitais. Chegando no local eram informados de que foram levados com vida e morreram no caminho.

Eram tantos os “socorridos” que as portas dos veículos não fechavam. Não haviam escoltas e tão pouco interesse de abrir caminho para gente morta.

Nunca mais tive notícias dele. Espero que tenha pelo menos ter viajado nem que uma vez de metrô.

Os dias seguiram.

Semanas.

Meses.

A rotina voltava em torno de tudo o que havia acontecido e dessa forma cumpri toda minha pena.

Dez anos depois e descobriram que o barril de pólvora chamado Casa de Detenção era uma mancha na cidade e precisavam apagar o borrão ou empurrar pra debaixo do tapete. A cidade, o estado e o país estão ganhando um presentão de natal. Ouvi dizer que dessa nuvem

de poeira de concreto nascerá um parque com opções de cultura, esporte e lazer.

Quem sabe com isso as gerações futuras não saberão que ali era o endereço de um dos maiores massacres humanos que presenciou a história.